

Comentários sobre os filmes da mostra Redescobrimdo Yukio Mishima

A Fundação Japão em parceria com a Cinemateca exibe de 9 a 19 de agosto de 2018 uma mostra totalmente dedicada à produção cinematográfica que tem como base a obra do autor Yukio Mishima. Dentre a seleção se destacam Conflagração de Kon Ichikawa e O homem do vento cortante de Yasuzô Masumura, que conta com Mishima no papel principal.

Composta por sete filmes, a mostra (como a própria carreira literária de Mishima) traz uma variedade de temas e estilos, que dissecamos brevemente nos comentários abaixo:

O homem do vento cortante (*Karakazeyarô / からっ風野郎*), de Yasuzô Masumura

Japão, 1960, 35 mm (scope), cor, 97' | Exibição em 35mm

Com: Yukio Mishima, Ayako Wakao, Eiji Funakoshi, Takashi Shimura, Yaeko Mizutani

O herdeiro da Yakuza, Takeo Asahina, foi condenado por mutilar o líder da gangue rival, a Sagara. Após sua soltura, Asahina é perseguido por membros da Sagara e monta uma base numa sala de cinema, na tentativa de reconstruir a sua equipe.

O filme de temática Yakuza traz o próprio Yukio Mishima como protagonista, este sendo um de seus raros papéis no cinema. Na pele do relutante Asahina, Mishima entrega uma interpretação convincente em um longa que conta com um enredo relativamente simples. A história que fala de duas facções rivais da máfia japonesa tem como pano de fundo, essencialmente, o medo da morte que o protagonista carrega. Esse medo faz com que ele cometa uma série de decisões questionáveis, algumas até bastantes difíceis de digerir nos dias de hoje, com consequências irreversíveis.

Rodado nos anos 1960, o filme dirigido por Yasuzo Masumura tem uma série impressionante de tomadas marcantes: destaca-se a cena no cabaré na qual a namorada do protagonista trabalha e a cena final, na escada rolante. Há um rigor artístico na escolha dos ângulos e na estética das cenas que faz com que o longa seja facilmente consumido, embora sua temática seja por vezes muito incômoda. A trilha sonora é viva, moderna e compõe bem a produção, dialogando tranquilamente com as cenas.

“No nosso mundo, a única coisa que importa é quem morre antes”, frase proferida por Asahina expressa bem o sentimento central do filme, que vai aparecer durante toda a projeção.

Claudia Ideguchi

Ken: A espada (*KEN, 剣*), Kenji Misumi

Japão, 1964, 35 mm, pb, 94' | Exibição em 16mm

Com: Raizô Ichikawa, Yûsuke Kawazu, Akio Hasegawa, Akitake Kono, Yuka Konno

Jiro Kokubu é o capitão de Kendo na universidade, disciplinado e devoto ao mundo desta arte marcial de esgrima japonesa. Já Kagawa, ama o esporte, mas também desfruta de uma vida social. Durante a temporada de treinamento intensivo, Kagawa quebra o regulamento que o

proíbe de fumar. Assim, Kokubu reúne os outros membros para puni-lo, levando Kagawa a espalhar um boato vexatório contra Kokubu.

Raizô Ichikawa interpreta Jiro Kokubu, um estudante absolutamente obcecado pela equipe de kendo e no objetivo de levar a equipe à vitória. Sua atitude focada e austera traz dois tipos diferente de reação, traduzidas na figura de Kagawa, o antagonista talentoso e impulsivo cujo pensamento diverge de Kokubu e Mibu, o novato que almeja ser tudo que Kokubu representa.

A dualidade das duas figuras que orbitam em torno do protagonista traz firme a ideia de um Japão dividido, onde Kokubu é o ideal, o Japão antes da guerra, puro, sem influências externas, livre de intervenções; Mibu representa a parte da nação que almeja voltar a esse estado inicial, enquanto Kagawa representa o desejo pelo Japão moderno, pelo novo. No desenrolar do longa fica claro qual é a opinião de Mishima nesse ponto, mostrando suas próprias crenças de forma bastante marcante no enredo.

Dirigido por Kenji Misumi, o longa traz a dualidade também nas referências do Japão tradicional e do Japão que conversa com o ocidente, com tomadas que se alternam entre objetos japoneses e peças claramente ocidentais. Sempre focado nos diálogos, o filme avança em um ritmo cadente, construindo pouco a pouco seu derradeiro final.

Claudia Ideguchi

O equívoco da virtude (*Bitoku no yoromeki*, 美德のよろめき), de Kô Nakahira

Japão, 1957, 35 mm, pb, 96' | Exibição em 35mm

Com: Yumeji Tsukioka, Rentarô Mikuni, Ryôji Hayama, Chikako Miyagi

Setsuko é a caçula de três irmãs de uma família rica. Após uma criação em que foi mimada e superprotegida, ela se casa com Ichiro Kurakoshi, com quem tem um filho. Contudo, ela continua encontrando o primeiro homem que beijou, Tsuchiya, e cada vez mais se sentem atraídos um pelo outro.

Com Ko Nakahira assinando a direção, o longa conta com recursos narrativos interessantes para contar uma parte da vida da heroína Setsuko Kurakoshi: uma narração com ares professorais nos segue por boa parte do filme, assim como o diário de Setsuko, que é utilizado tanto para que acompanhem suas emoções quando para dividir o filme em capítulos, trazendo o desenvolvimento do *affair* de Setsuko com Tsuchiya.

O tema da infidelidade e todas as demais questões que o permeia são trabalhados, com grande enfoque para a culpa que comumente rivaliza com o próprio desejo. Setsuko está em uma constante batalha interna sobre deixar-se ou não envolver pelo desejo por Tsuchiya; na cabeça dela, contanto que não haja contato carnal, sua integridade permanece intacta, ainda que seus sentimentos sejam totalmente devotados a outra pessoa que não seu esposo.

A figura da amiga Yoshiko aparece como o total oposto de Setsuko: uma personagem que não se importa em ser infiel, mas que traz uma lealdade de sentimentos que inexistente em Setsuko.

Ambas caminham para finais distintos e estranhamente similares que deixa qualquer espectador com certo nó na garganta ao terminar o filme.

Claudia Ideguchi

Conflagração (*Enjô*, 炎上), de Kon Ichikawa

Japão, 1958, 35 mm (scope), pb, 99' | Exibição em 35mm

Com: Raizô Ichikawa, Ganjiro Nakamura, Tatsuya Nakadai, Tanie Kitabayashi

Goichi Mizoguchi, um aspirante a monge budista, se envolve com o templo que era de propriedade de seu pai. Através de uma série de flashbacks, e numa estrutura de interrogatório policial, Goichi desvenda a história de sua obsessão com o templo a partir de sua infância.

O filme segue os eventos narrados no livro, mas o diretor Kon Ichikawa opta por uma nova leitura da narrativa: enquanto Mishima trabalha fortemente com base no zen, Ichikawa abafa a filosofia e a substitui pela sociologia, com a intenção de alcançar mais facilmente as massas. *Conflagração* foi um filme feito claramente com interesse comercial, por isso a nova leitura traz o foco para a crítica da sociedade japonesa nos anos 1950, deixando apagada a questão estética e da beleza ricamente trabalhada por Mishima no livro.

Ichikawa, que considera *Conflagração* o melhor longa de sua carreira, trabalha com uma narrativa não linear e suas tomadas seguem o fluxo de consciência de Mizoguchi (interpretado por Raizo Ichikawa, que aparece em *Ken: A espada* nessa mostra): a medida que o estado mental do protagonista começa a se deteriorar, as cenas acompanham de forma frenética, fazendo com que o espectador tenha uma clara noção de como o mundo de Mizoguchi está abalado.

Avant-garde em sua edição, o longa não agradou os fãs mais ávidos do livro, mas curiosamente Mishima deu aval para a livre interpretação. De certa forma, o longa representa uma das muitas interpretações que o trabalho de Mishima comumente oferece aos seus leitores e certamente traz uma nova luz ao Templo do Pavilhão Dourado.

Claudia Ideguchi

O Templo do Pavilhão Dourado (*Kinkakuji*, 金閣寺), de Yôichi Takabayashi

Japão, 1976, 35 mm, cor, 109' | Exibição em 35mm

Com: Saburo Shinoda, Toshio Shiba, Katsuhiko Yokomitsu, Yoshie Shimamura

Mizoguchi é um homem sombrio, agonizado por um complexo de inferioridade causado por sua gagueira. Após a morte de seu pai, se torna aprendiz do Templo Kinkakuji. Esta era uma vontade de seu pai, que lhe ensinou que não há nada mais belo no mundo do que o templo. Fora do templo, seu amor de infância por Uiko lhe ocupa a vida. Desde que ela o rejeitou devido a sua gagueira, ele deseja a sua morte.

A partir de uma perspectiva diferente de *Conflagração*, neste filme Takabayashi opta pela perspectiva do zen, como Mishima na obra literária de 1956. Mizoguchi, atormentado pela gagueira e pela incapacidade de despertar o desejo, transita entre a construção e a idealização

da beleza e o desejo de destruição.

O Templo Dourado, como símbolo de uma beleza inalcançável, criada por sua imaginação, e a certeza de sua destruição por um bombardeio iminente, que não acontece, conduz o personagem a planejar sua destruição. O incêndio proposital do Pavilhão Dourado é o ápice da narrativa, onde a luz do fogo, purificação nos preceitos Budistas, se mistura ao brilho do ouro do Pavilhão. Morte e beleza finalmente se encontram.

Ana Cristina Yokoyama

Mar inquieto (*Shiosai*, 潮騒), de Senkichi Taniguchi

Japão, 1954, 35 mm, pb, 96' | Exibição em 35mm

Com: Akira Kubo, Kyôko Aoyama, Yoichi Tachikawa, Kichijiro Ueda, Toshiro Mifune

Na praia, Shinji conhece uma mergulhadora de pérolas, Hatsue, e eles se apaixonam. Porém, Yasuo também se interessa por Hatsue e espalha um boato sobre seu rival, levando o pai de Hatsue a impedir Shinji de vê-la. Sua sorte começa a mudar quando ele salva os passageiros do barco do pai da amada.

Disfarçado como um típico romance adolescente aos moldes de Romeu e Julieta, *Mar Inquieto* tem muito mais a ver com a essência do caráter e a construção da jornada do indivíduo do que com o amor romântico propriamente dito. O desenvolvimento do protagonista Shinji vai se revelando conforme seu amor por Hatsue o estimula a ter mais ambições e encontrar seu verdadeiro local no mundo.

Girando em torno de um rumor nefasto que ameaça constantemente o relacionamento do casal, o filme vai se desenrolando de forma simples e tranquila, fazendo com que o espectador se envolva com as personagens e tenha bastante empatia pelos seus percalços.

Mar Inquieto é um bom exemplo da obra literária de Mishima que recai em temas como a transparência e a clareza de sentimentos e o longa com certeza trará momentos de fruição despreocupada.

Claudia Ideguchi

Neve de primavera (*Haru no yuki*, 春の雪), de Isao Yukisada

Japão, 2005, 35 mm, pb, 150' | Exibição em 16mm

Com: [Satoshi Tsumabuki](#), [Yûko Takeuchi](#), [Sôsuke Takaoka](#), Michiyo Okusu

No Japão, começo do século XX, Kiyooki Matsugae, um jovem aristocrata, se apaixona por Satoko Ayakura. Embora tenham crescido juntos, a garota deverá se casar com o filho do imperador.

Filme mais recente da mostra, *Neve de Primavera* traz uma história de amor proibida contada com um rigor artístico bastante impressionante. Com um orçamento claramente alto, é visível o cuidado com elementos importantes na cinematografia, como locações, figurinos e ambientação. É um filme longo, o mais longo entre os selecionados e em diversos momentos um tanto lento; isso é, no entanto, parte importante para compôr a narrativa que vai

dolorosamente se escrevendo.

Embora o tema central pareça ser o amor juvenil e impedido de Satoko e Kiyooki, há um viés mais profundo que transparece na primeira cena do filme: como toda a história de vida dos protagonistas acaba se definindo em um único desejo egoísta de vingança do pai de Satoko. Para permitir que o pedido dele se concretize, é viabilizado os encontros entre Satoko e Kiyooki que vão, eventualmente, trazer a ruína para ambos.

A ideia do amor que é forte e eterno por apenas um curto momento antes de deixar de existir é muito bem representado pelas tomadas em estilo *chiaroscuro*, que trazem uma paleta densa ao fundo para dar vida às cores em primeiro plano, fazendo um contraste entre as dificuldades que são colocadas de forma isolada, dando destaque para os sentimentos impossíveis de se enclausurar.

Representante do cinema do século XXI, *Neve de Primavera* é um bom exemplo de como a obra de Mishima foi lida e interpretada na cinematografia da atualidade.

Claudia Ideguchi